

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP, 8, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

AD PHILIP, 13, 14.

Summario: *O milagre de Lourdes e a critica de Emilio Zola.* — Secção religiosa: *Congressos*, por D. Antonio de Almeida; *Eucharistico!* por D. Antonio de Almeida. — Secção científica: *O Diabo e as suas obras*, pelo Dr. D. Salvador Casañas y Pagés. — Secção critica: *Algunas considerações sobre a necessidade das ordens religiosas em Portugal*, expostas na Associação Leão XIII, da cidade de Guimarães, pelo seu presidente A. J. Miranda, conego da Collegiada e professor de philosophia no Seminario de Nossa Senhora de Oliveira; *Volta-rão os frades?* por Um catholico; *A educação*, por José Maria Guerreiro. — Secção historica: *Galeria dos homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — Secção litteraria: *O pensamento, a palavra e a imprensa*, pelo Padre Abel Freitas; *Paixão dos interesses materiaes, considerada como obstaculo ao desenvolvimento da fé*, por J. A. Marques Junior. — Secção bibliographica. — Secção necrologica. — Secção illustrada. — Retrospecto, por R. — Secção administrativa.

Gravuras: *Um frade franciscano.* — *Por mares nunca d'antes navegados.* — *Innocencia e fidelidade.*



UM FRADE FRANCISCANO

O milagre de Lourdes e a critica de Emilio Zola ¹

I

NA segunda metade de agosto de 1892 levantou grande rumor, entre os jornalistas da Europa e da America, uma visita a Lourdes do famigerado Emilio Zola, auctor dos romances os mais realistas (e todos sabem o valor d'esta palavra) do nosso tempo.

¹ Da *Civitta Cattolica*.

Desejando elle publicar um outro, que tratasse do milagre, desde trinta annos permanente n'aquelle celeberrimo Santuario e das inauditas demonstrações de fé, de que era theatro, acompanhava a peregrinação nacional d'aquelles dias, composta de não menos de vinte mil francezes, idos a venerar, segundo o costume, a branca Virgem dos Pyreneus e a implorar d'ella aquellas curas que de continuo espantam o mundo e echem de confusão os negadores do sobrenatural.

Da sua demora alli, durante o triduo da peregrinação, e ajuda depois; do aco-

lhimento, que teve, das suas observações, dos seus ditos e dos seus actos deram-nos então pormenores muitos diários descrentes e catholicos; mas estes talvez em maior numero; parecendo acreditarem em rectas intenções e bom animo, mais do que era justo. Muitos exaggeraram a esperanza de que o caminho de Lourdes fosse para elle, como para Paulo, a estrada de Damasco. Até a simplicidade de não poucos se arrojou a supposições, figurando-o já na Gruta de Masabielle, da amabilissima Virgem, já outro inteiramente, e prognosticou coisas bellissimas ácerca da sua

conversão, e da sua phantasia, transformada de espelho sujo em transparente crystal, reverberando luz do Paraíso.

Não foi assim que os homens avisados pensaram e escreveram. Poucos dias depois da visita de Zola ao Santuario de Lourdes, em 10 de setembro seguinte, o padre Cartuvels de S. Foy, director da peregrinação belga, que seguiu á nacional franceza, em carta publicada pelos jornaes, assim substancialmente se exprimiu :

« Queira Deus, que se realice o bello sonho da sua conversão! Eu tomo o escriptor como elle é e de boa fé segundo diz. Mas como ha de elle arranjar-se para sacudir da mente todos os falsos prejuizos em que está mergulhado contra os catholicos? Este litterato de tão fecunda imaginação, pôde conhecer muitas coisas, mas será incapaz de julgar sãmente do que é superior á natureza. Faltam-lhe olhos christãos: não está á altura de avaliar, como convém, os acontecimentos de Lourdes, onde existe a plenitude do sobrenatural. Ao seu livro, portanto, tudo faltará. Grave difficuldade será dever tocar necessariamente o lado medico das curas. Para elle a Medicina é uma sciencia meramente conjectural.

« Não posso deixar de transmittir-vos as proprias palavras do auctor da *Historia medica de Lourdes*, respondendo, quando, antes de partir, lhe perguntei o que esperava do livro do famoso romancista realista: — Aqui, n'este mesmo logar, dissemos ao snr. Zola, que todos os medicos, quer do paiz, quer do mundo inteiro, estão convidados a vir examinar scientificamente os factos, a verificar as curas e a dar-nos o seu juizo. Se o romancista invadir o nosso campo, não lhe faltarão respostas; pois que publicaremos innumeraveis documentos sobre a obra ignorada da maior parte e tão escrupulosamente cumprida desde o principio. Nós não temos a luz; desejamos antes que respinda aos olhos de todos e appellamos para todos os sabios do universo, qualquer que seja o seu modo de crêr e de pensar. Então a questão de Lourdes tomará uma nova direcção e o Instituto e a Academia de França serão obrigados a estudal-a. Se o snr. Zola pôde ajudar-nos a obter este fructo, nós o abençoaremos ».

II

E o resultado, desenganadas as esperanças, justificou plenamente as previsões dos sabios.

Vinte mezes, depois de tanto estrondear, a montanha produziu um parto, dado á publicidade, aos pedaços e em fragmentos, pelo *Gil Blas* de Paris, pelo *New-York Herald* de Nova-York e pela *Tribuna* de Roma. E o que se viu?

Nada, senão o verdadeiramente *ridiculus mus*, o ratiuho de Horacio debil e fétido.

Tudo quanto sahio até agora reduz-se a nauseabundas descripções de doenças, a um entrecho de insulsas ninharias, a ignobeis paixões, a repugnantes bagatellas sobre as « illusões divinas » da fé; sobre doenças phantasticas mais phantasticamente curadas nas piscinas de Lourdes; sobre as allucinações de Bernadette; sobre as curas obtidas, não já por intervenção celeste, mas pelo influxo do clima e das multidões das gentes, pela commoção nervosa, pelo arrebatamento dos enthusiasmos, pela fascinação de uma piedade artificiosa e enganadora. D'onde vem, em conclusão, que a epopeia de Lourdes, com suas peregrinações e com suas maravilhas de trinta e seis annos, continua a ser para elle um solemue charlatanismo, uma impostura, um trafico abjecto de credulidade arranjada, uma tasca, um negocio de superstição.

Em verdade a audacia do romancista passa das marcas. D'isso mesmo se apercebeu elle mostrando-se frio, duvidoso, titubiante nas negações de coisas palpaveis e em affirmações de tantos absurdos com tão frivola temeridade. Não é pois de espantar, que a leitura, feita por elle do seu retrato de Bernadette em uma reunião publica de beneficencia, no Trocadero de Paris, haja sido mettida a ridiculo pelo mesmo *Echo de Paris*, o qual deduz d'aquella leitura « uma morte, morte de estylo, morte de palavras »; e podia acrescentar morte da arte, morte do senso natural e humano, bem como christão.

Com effeito; havendo elle visto, ouvido e tocado com a mão, estando presente em Lourdes, o que ahi succede, não pôde admitir-se que haja escripto enormidades de tal ordem e não haja sentido contrariar-se a si mesmo.

Como! ignorava elle por acaso que toda a peregrinação é agora acompanhada de varios medicos e que na de 1892, na qual elle se incorporou, foram cincoenta, pertencentes a todos os credos, a todos os paizes e a todas as opiniões? Não o podia ignorar, pois que se achou no meio d'elles; na estação das verificações, fallou com muitos d'elles, junto com elles pôde observar os doentes, quanto quiz, antes e depois das curas.

Ignorava elle acaso, que antes de partir, os doentes, principalmente os da peregrinação nacional, são diligentemente examinados por doutores de grande nome e na maior parte por chefes de clinica e por professores de Universidades, que lavram e assignam certificados particularizados das doenças, das chagas, das lesões organicas, que alligem os miseros pacientes? Certo que o não ignorava; pois que em Lourdes, se o quizes-

se, podia ler quantos d'estes attestados lhe approuvesse.

Ignoraria tambem, que, na estação dos doutores, se usa o maximo rigor no estudo das curas, e, quando achadas verdadeiras, d'ellas se dá juizo prudente, esperando a prova do tempo, que estabeleça a constante duração, e que d'aquella estação, nem de bocca, nem por escripto, sae a palavra *milagre*, remetendo-se a definição ao juizo da Egreja? Não o ignorava, decerto; pois de taes estudos foi testemunha de vista e de ouvido, e do presidente da estação soube todas as regras de prudencia alli seguidas.

Mas se Zola nada d'isto ignorou, não pôde representar aos seus leitores as curas de Lourdes, como jogos e prestigios de enganadores, sem ir manifestamente contra a verdade do que bem conhecia. E, posto isto, de que lado está a fraude e o engano?

Quem sabe mesmo se este seu *realismo*, disfarçador da verdade, não terá ajudado a impedir-lhe, ha pouco, pela segunda vez, a ambicionada entrada na Academia de França? Em maio ultimo elle bateu-lhe ás portas, com o seu novo romance — *Lourdes* — debaixo do braço. De dentro, porém, ficaram surdos, e nem uma voz se alçou para lhe abrirem. Em dois escrutinios Emilio Zola apanhou dois zeros!

(Continua).

SECÇÃO RELIGIOSA

Congressos

Do grande movimento catholico, que se nota, tem sido assignaladamente um dos impulsores os congressos catholicos, dos quaes já tem a experiencia Portugal, experiencia que é mister toruar maior, o que esperamos se realisará, mediante o favor de Deus. O que foi feito no serviço do bem, deve ser estimulo para mais e maiores esforços no mesmo serviço; que o *hontem*, o *hoje*, o *amanhã*, sejam escala ou escada na qual se não páre nem se desça no lidar *pro Deo*. As boas obras não ajudam os intervallos dispensaveis; servem-nas com grande proveito e applauso celeste a continuidade, a ausencia de interrupções, salvo quando estas são verdadeiramente justificadas. Não ha razões para que os congressos catholicos sejam tão intervalados em Portugal! Venha o congresso eucharistico na vetusta e nobre cidade vimaranense fechar o intervallo desde o ultimo congresso catholico realisado na cidade dos Arcebispos e Senhores de Braga; assim o esperamos, pois parece-nos que se caminha para a sua realisação. Guimarães desceria da sua altura, se

não realisasse em seu seio um congresso catholico. Porto, Lisboa, Braga, já o realisaram com repetição: Porto duas vezes, Lisboa tres, Braga duas. Guimarães é a cidade dos Dom Piores, não deve ficar-se em cidade *dos menores*. Não ficará, não tem pessoal que em tal consinta! Se tivéssemos alguma importancia, diríamos bem alto: *Fico pelos Vimaraneses!* E não correria o risco de ter de me apresentar *com a corda ao pescoço!* Estou como vendo já na minha imaginação, Guimarães toda em gala e pompa por ter dentro de si o congresso eucharistico! O Santissimo Sacramento do Altar exposto durante os dias do congresso (em Guimarães ha lauspereane todos os dias); uma concorrência extraordinaria á confissão e communhão; as sessões congressistas cheias de verdadeiro interesse, e as publicas, não privativas dos membros congressistas activos, com uma assistencia dos dois sexos enthusiasmada; a *aula do congresso* preparada com edificação e pompa, conforme ao agrado de Deus; os discursos intervallados pela boa musica, como é uso nos congressos catholicos; a cidade engrinaldada; o encontro alegre dos distanciadados, que, residentes nas varias localidades do paiz, e talvez algum ou alguns vindos de além das fronteiras, realisarão o *Jucundum in unum!* os *po-bres* soccorridos especialmente n'aquelles dias; a cidade mais enriquecida pela receita motivada pelas despezas feitas pela muita gente ida de fóra, e pelos de casa com o seu *extraordinario* para obsequiar seus *bem-vindos* hospedes, que nem todos irão para as hospedarias (*Hotéis*), nem ellas chegarão para todo o concurso; e é assim que verdadeiramente bem se faz sentir no que respeita ao espiritual e ao temporal, o que se está representando em nossa imaginação, e ainda mais, será o facto que esperamos ver realiado, *volente Deo*.

D. ANTONIO DE ALMEIDA.

Eucharistico!

O congresso catholico, verificado que seja na cidade vimaranense, emparelhará Guimarães, no tempo corrente, com cidades notaveis da Europa; *Eucharistico!* será um *écho de Jerusalem* por ter sido n'esta memoravel cidade onde se reuniu o primeiro congresso eucharistico; assim não faltará fundamento para que Guimarães possa ser denominada *Jerusalem Portuguesa*, como Braga é dita *Roma Portuguesa*.

Sua Santidade Leão XIII, ao receber o pedido da benção apostolica sobre o congresso, terá grande satisfação, e só por isto, ou quando não houvesse outros mo-

tivos, sufficiente motivo seria dar satisfação ao Pae commum dos fieis; e ainda dos *inficis*, embora estes o não reconheçam como tal, pois que Deus deu ao Papa a paternidade absoluta em Jesus Christo a respeito de todos os homens. Os congressos catholicos em Portugal já não se acham em tirocinio, pois que se tem repetido a execução e formado tradições, e mister é não parar; bom será que o congresso catholico geral seja annual n'este «Reino das Cinco Chagas», como se dá na peninsula além-Alpes, na Germania, na França, na Belgica, na Hespanha, no Imperio Austro-Hungaro; e dissemos *geral*, por isso que nos mencionados povos ha ainda e são repetidos os congressos catholicos regionaes e outras assembléas, que Portugal tambem pôde ter. A vida catholica não tem férias, nem suetos, como S. Pedro de Alcantara o disse de outro modo n'aquellas suas conceituosas e engraçadas palavras, que repetimos aqui: «Tomara já o céu para poder dormir!»

Alludia ao *Somno no Senhor!* que é o *Requiem* em paz eterna. A figura do citado Santo é percebida mesmo pelo *menino da doutrina*, que é sufficiente *theologo* para saber que a visão beatifica exclue todas as necessidades. Os congressos catholicos vieram no momento providencial e d'este modo quando se tornou necessario, que na Sociedade se formassem umas collectividades para combater o mundo no meio do mundo. Guimarães comprehende isto muito bem, e eis a razão por que veremos (como é de esperar) reunido em seu seio o congresso eucharistico. Este facto fará capitulo na historia geral do catholicismo, com assignalada honra para os vimaranenses, que do céu receberão benção por tal serviço á Religião, á Patria e á Sociedade; e a terra os bendirá! O inferno procura, por certo, pôr obstaculos á grande obra, mas os vimaranenses se farão fortes com o «*Si Deus pro nobis, quis contra nós?*»

D. ANTONIO DE ALMEIDA.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O Diabo e as suas obras

(Continuado do n.º antecedente)

Veja-se como a erudita e profunda revista de Roma, *A Civiltà Cattolica*, descreve as scenas spiritistas, presenciadas por innumeraveis assistentes de todas as classes, no gabinete de Dongles Home, o qual, sem a menor difficuldade, fazia conversar os espiritos com toda a pessoa que recorresse á sua mediação. Apenas elle se poz em communicação com os es-

piriticos, começou uma serie de phenomenos extraordinarios, consoante o desejo dos presentes ou o capricho dos espiritos, que, algo indisciplinados, operam, quando querem, e a seu gosto. O pavimento move-se debaixo dos pés com abalos interrompidos; a habitação parece tremer; oscilla; e inclina-se a um e outro lado. As mesas, carregadas de porcellanas, albuns e jogos, alli accumulados pela moda, saltam a compasso e agitam-se freneticamente; ouvem-se por todas as partes gritos irritantes, casquinadas estridulas, estalidos de surdas pancadas de origem desconhecida.

Os movpis entram em movimento: aqui, um velador eleva-se até ao tecto e a elle adhere com inteira firmeza; alli, uma cadeira passeia lentamente e distancia-se de ti; um jarrão do flôres cae sobre um dos lados; um candelabro levanta-se apoiado em um dos pés. Que se passa aqui? que é tudo isto? Um ar impetuoso, semelhante ao que acompanha o estampido do trovão, estala no interior da sala e apaga todas as luzes, deixando-vos completamente ás escuras. Mas nada temais: isto é apenas para fazer-vos desfructuar novas maravilhas.

De prompto uma luz se diffunde pelo aposento, já pallida e phosphorescente, já viva e radiante, ora serena e continua, ora em jorros interrompidos... Sentis paixão pela musica? Os espiritos vos acompanham na inclinação e vos farão ouvir os mais alegres motivos e as melodias mais ternas que podeis desejar. Haja ou não haja instrumentos, pouco importa: em todo o caso ha de a musica ouvir-se.

Resoará no espaço ambiente ou na harmoniosa caixa do piano; parecer-vos-á que desce do tecto do edificio ou sobe das adegas subterraneas; as teclas, de per si, mover-se-ão consoante as notas que a composição exige, e as cordas vibrarão sem que as teclas as fiam com os martellos. Caminhareis ao piano para n'elle dedilhades, e o piano, adivinhando-vos, correrá ao vosso encontro. Para Dongles Home não é novidade nenhum d'estes phenomenos¹.

Omittimos a circumstanciada relação dos phenomenos referentes ás impressões causadas no organismo humano e nas funções intellectuaes e volitivas, realizadas pelos spiritistas, por, no essencial, coincidirem com os physiologicos, os de claro-videncia e de suggestão, os do somnambulismo magnetico e lucido que acima indicamos.

Não queremos, sem embargo, deixar occulto um documento de grande auctoridade, que, ao passo que se refere a algum d'estes phenomenos, é uma confirmação eloquente da verdade dos factos,

¹ *Lo Spiritismo del mundo moderno. (Civiltà Cattolica, serie v o seguinte).*

e demonstra as gravissimas e transcendentaes consequencias dos phenomenos spiritistas, ou, o que tanto vale, do somnambulismo e do hypnotismo.

Referimo-nos á exposiçãõ apresentada no congresso dos Estados-Unidos da America do Norte, por um grande numero de cidadãos d'aquella republica, para atalhar aos desastrosos effeitos produzidos pelo spiritismo no oeste, centro e norte d'aquelles Estados. Os rumores magneticos e as appareções spiritistas haviam despertado entre as pessoas dignas as mais vivas apprehensões por sua divulgaçãõ e pelos prejuizos advindos á saude e á moral publica. Não havia casa nem familia, a bem dizer, onde se não interrogassem os espiritos para todos os negocios e sob qualquer pretexto ou motivo. A lingua-gem usada pelos spiritistas excitava com frequencia a destruiçãõ de todo o culto, a negaçãõ de toda a auctoridade, a annullaçãõ dos mais sagrados vinculos, a ausencia de toda a moral. D'aqui promanavam innumeraveis casos de suicidio, loucura, divorcio, inimizades, vinganças, abandonos, desesperações. Tal estado de exaltaçãõ de animos inspirou aos homens mais conhecedores e experientes da Republica o pensamento de dirigir ao Congresso a referida exposiçãõ, na qual se attestam movimentos extraordinarios dos corpos, relampagos, ruidos, detonações, pancadas, abalos de casas, affecções do organismo, frios, calores, suffocações, enfermidades, alterações das funcções intellectuaes e moraes dos concidadãos. E tudo isto se attribuia á influencia funesta que exerciam sobre elles os espiritos desconhecidos. Terminava a exposiçãõ por uma supplica ao Congresso, para que adoptasse as medidas que julgasse convenientes a fazer desaparecer aquelle estado de coisas.

Sendo tão differentes as causas a que os somnambulos e os spiritistas attribuem estes phenomenos portentosos, inutil é dizer que são tambem mui distinctos os processos por uns e outros adoptados. A base do spiritismo é a invocaçãõ dos espiritos, que uns dizem ser os anjos, mas que a maior parte acredita serem as almas dos foados. Simulam obter esta evocaçãõ, por intermedio de certas pessoas dotadas para isso de especial aptidãõ e ás quaes sóe infundir-se, antes, o somno magnetico ou nervoso, sendo conhecidos commumente pelo nome de *mediums* evocando uns as almas dos escolhidos, como a de Sancto Agostinho e outros semelhantes, ao passo que outros evocam as de homens perversos como Nero, Lutherõ, Glordano Bruno, etc. etc.

Resumindo quanto havemos dicto no tocante aos phenomenos expostos, podemos reduzi-los a quatro classes: *dinamicos*, como o movimento dos moveis, ou o apparecer um lapis que escreve so-

bre o papel sem mão que o dirija ou mova; *physicos*, como os sonidos, as luzes, os caracteres escriptos no ar; *psychologicos*, como as sensações do frio, calor e rigidez dos membros; *psychologicos*, emfim, como os conhecimentos extraordinarios, o falar as linguas desconhecidas, a visãõ de coisas occultas, a influencia sobre a vontade dos somnambulos, etc.

Resta agora comparar todos estes phenomenos com os da antiga magia, para vèrmos a analogia perfeita, e muitas vezes a identidade que entre elles existe, para se obter de tal estudo alguma luz sobre as causas productoras dos mesmos.

Simplez será, e ao alcance de todos, o processo que vamos empregar, bastando-nos examinar quaes são os effeitos da magia e seus caracteres distinctivos, para acharmos quanto são analogos e até identicos com os do magnetismo, sonambulismo, hypnotismo e spiritismo.

Definem os theologos a magia, a *arte de fazer coisas maravilhosas*, a qual dividem em *natural* e *supersticiosa*, segundo para tal fim se empregam causas naturaes, embora occultas, ou a intervençãõ do demonio. Já comprehendei que nos occupamos aqui da magia supersticiosa, não da natural. Se percorrermos os tratados copiosamente escriptos por theologos e chronistas, onde por extenso é estudada a magia supersticiosa, notamos que, em geral, a dividem em *adivinhação* e *vã-observancia*, a que tambem dão o nome de *prestigios* e *maleficios*. Tem logar a *adivinhação* quando se averigua ou examina cuidadosamente alguma coisa occulta, ou se prediz o que está por vir, valoudo-se para isso do demonio, mediante algum pacto explicito ou tacito com elle celebrado.

Divide a theologia a adivinhação supersticiosa em tantas especies, quantos sejam os meios de que se vale a magia para conhecer as coisas occultas e pre-dizer as futuras. Se é conseguido este fim por intermedio dos mortos, dá-se á adivinhação o nome de *nigromancia*; se por intermedio dos corpos terrestres, chama-se *geomancia*; se mediante certos signaes na agua, *hydromancia*; se por signaes no ar, *aeromancia*; se no fogo, *pyromancia*, se mediante os sonhos, *oniromancia*, e assim d'outros processos, cujo numero attinge pelo menos uma vintena. E não se descobre em tudo isto uma exacta analogia e identidade, não só com os chamados phenomenos psychicos dos hypnotistas, os de claro-videncia dos somnambulos e spiritistas, mas ainda com os processos adoptados?

Pelo nome de *vã-observancia*, ou no exprimir d'outros, pelo nome de *feiticos* e *prestigios*, intende-se toda a pratica de magia supersticiosa, em que se adoptam meios inaptos, ou que não guardam proporção natural com o effeito que se pre-

tende obter ou impedir, nem são ordenados por Deus nem pela Igreja para se obter o que por elles se pretende. Dilatadissima parece (como é notorio) a extensãõ que se dá a esta especie de magia, e até comprehenderiamos n'ella os maleficios, consoante fazem alguns, a não querermos seguir estrictamente a divisãõ mais seguida pelos theologos, em attenção á malicia especial que revestem aquelles. Na esphera da vã-observancia ou prestigios vão incluidos, portanto, todos os effeitos maravilhosos, operados por intervençãõ diabolica, effectiva todas as vezes que não possam ser naturaes nem tão pouco obra do poder divino, em cujo ultimo caso, como é facil de vêr, seriam verdadeiros milagres.

Consideram-se pois como prestigios o transporte dos mais pesados corpos d'um para outro logar sem motor algum visivel e conhecido, e em tão grande rapidez que nem se adverte a successão do tempo; a appareção, n'um abrir e cerrar d'olhos, de bellas planicies e encantadoras perspectivas; a formaçãõ instantanea de tempestades, ventos, granisos e outros phenomenos atmosphericos; o sacudimento dos edificios, pancadas, ruidos espantosos, chuvas de pedra; a appareção rapida e maravilhosa de luzes extraordinarias, de trevas, harmonias, musicas, fogo que não queima, ou agua que não molha; os phenomenos extraordinarios que apparecem sem causa conhecida no organismo do homem ou dos brutos, curativos e outros analogos, que seria prolixo enumerar. Outrosim nos haves de dizer: não se descobre em todos elles uma verdadeira analogia e perfeita identidade com os phenomenos *mechanicos*, *physicos* e *physiologicos* que livemos de enunciar ao falarmos do *spiritismo*, *hypnotismo* e *somnambulismo*?

Intende-se finalmente por *maleficios* todo o acto supersticioso, com o qual, mediante certos e determinados signaes sem porporção alguma com os effeitos, se causa por arte diabolica, ou ás pessoas ou ás coisas e propriedades, algum prejuizo physico ou moral. Taes são, por exemplo, as enfermidades preternaturaes dos homens e dos animaes, occasionadas por um simples signal ou uma palavra convencional; a destruiçãõ de plantações de arvores, searas e edificios, os roubos, os odios, as vinganças, os actos de immundas paixões, etc. No que, a bem dizer, nada mais ha que ir observando os effeitos do spiritismo, as paixões e violencias suscitadas pelo hypnotizador a praso fatal ou na hora presente, pelo que lhe chamam *suggestão magnetica*.

Se dos phenomenos considerados em si mesmos passarmos ao exame dos caracteres e circumstancias que aquelles revestem, igualmente nos não será difficil patentear a analogia e perfeita identidade que existe entre uns e outros. Archi-

vemos os principaes. Os concededores da historia da velha magia, sabem perfeitamente quão abominaveis eram os homens e mui particularmente as mulheres que se entregavam a tão repugnante commercio, tanto por sua irreligiosidade como pela immoralidade da sua vida e ruins fins que se propunham por tão immundo trafico. Os damnos que causavam á Egreja e os prejuizos materiaes e moraes que se achavam submettidos á sua malefica influencia, ficam sufficientemente demonstrados pelas severas leis com que a Egreja e a mesma auctoridade civil puniam toda a especie de magia superstitiosa; e não ha necessidade de as reproduzirmos aqui, porque se encontram consignados em todos os codigos.

(Continúa).

DR. D. SALVADOR CASAÑAS Y PAGÉS.

SECÇÃO CRITICA

Algumas considerações sobre a necessidade das ordens religiosas em Portugal, expostas na Associação Leão XIII, da cidade de Guimarães, pelo seu presidente A. J. Miranda, conego da Collegiada e professor de philosophia no Seminario de Nossa Senhora de Oliveira.

(Continuado do n.º antecedente)

A acção destruidora dos chamados patriotas de 1834 não se fez sentir só nos acanhados limites do nosso bello continente. Lá fora, além mar, n'essas terras conquistadas palmo a palmo por nossos avós, aonde esculpimos com o sangue de tantos valentes e aureolados de nymbos de gloria o titulo incontrastavel da nossa nacionalidade, echôa tambem a voz da desgraça.

A perda das colonias, que são a perola mais brilhante da nossa corôa de gloria, rematará a serie de infortunios a que nos conduziram os inimigos dos conventos. O dominio colonial devemol-o menos ao arrojado de esforçados navegadores do que a numerosas e bem organisadas missões de todas as ordens religiosas do paiz, cujos serviços os nossos melhores monarchas souberam aproveitar no seu zelo reconhecido em cumprirem os deveres de padroeiros.

Foi a acção continuada e uniforme de missões sahidas dos conventos que alargou o nosso dominio em vastissimos continentes, abriu caminho a futuros exploradores nacionaes e estrangeiros,

e conquistou a Portugal na sympathia de tantos povos o titulo da sua maior gloria.

As frotas lusitanas levaram frades, que, não tendo outras armas senão a Biblia e o crucifixo, dilataram mais os dominios dos nossos reis, que todos os guerreiros, que aportaram áquellas paragens.

A prosperidade das nossas valiosas possessões d'Africa, desde os fins do seculo XVI até ao principio do seculo presente, foi devida a missões de ordens religiosas, merecendo especial menção as seguintes: a dos conegos de S. João Evangelista, as da ordem de S. Domingos, as dos Carmelitas descalços, as dos Barbadinhos e sobretudo as dos Capuchinhos.

Os nossos ricos dominios do Oriente, devemol-os tambem a missões de ordens religiosas.

Os primeiros frades que chegaram á Asia foram os Franciscanos e os Jesuitas; organisaram-se depois n'aquelles paizes outras corporações monasticas, que fundaram conventos e egrejas, e deram muitos missionarios ao sertão e ao martyrio.

O mais distincto dos nossos missionarios do Oriente foi o jesuita S. Francisco Xavier, que nasceu em 1497 no anno em que Vasco da Gama descobriu o caminho para a India. Notavel coincidência! Quando um grande navegador achava um paiz immenso, nascia o apóstolo, que o havia de doutrinar. Só esse frade, com o seu apóstolo na India, do qual deixou pasmosa memoria, ganhou mais subditos para os reis de Portugal do que todas as armadas e exercitos de que então dispunhamos.

(Continúa).

Voltarão os frades?

Tudo contra! Os frades e Christo.

Fallamos a respeito dos frades, como homens, e mostramos que os seus inimigos, em tudo e por tudo os censuram e hostilizam, e, seja qual for o seu procedimento, tudo serve de motivo contra elles.

Fallaremos, agora, d'elles, como instituições, associações, sociedades, corpos collectivos, ou como melhor alguem queira chamar-lhes.

E nos argumentos, que contra elles se inventam, umas vezes facilmente se revela o odio e a animadversão; outras, um interesse e ambição desmedidos, para agarrar alguma coisa, do que por lá possa restar. Tambem, em taes argumentos, ha um meio de abafar os gritos das consciencias dos que ficaram com os bens das corporações religiosas.

É uma desculpa infame, perante as

leis, perante o direito natural e perante a historia e a boa sociedade. E, por isso, não poucas vezes, adoçam esses argumentos com uma hypocrisia e um tão fingido zelo religioso, que, se fossem n'outros individuos, poderiam tomar-se, como sincera dedicação ás coisas de Deus e da Egreja, e como um inexcedivel amor á patria.

Mas basta de exordio e entremos na materia.

*

A primeira coisa, com que, mais hypocritamente, argumentam os inimigos das ordens monasticas, é que Jesus Christo não as instituiu; o Evangelho não fala d'ellas; os Apóstolos não as aconselharam em seus discursos.

E não poucos terminam o seu arrazoado, pondo na bocca de Jesus Christo aquelle terceto de um soneto de Bocage:

Frades não fiz. De frades não preciso.
Quando o mundo souber o que são frades,
Ha de expulsal-os, se tiver juizo!

— Sim, senhores padres mestres, — responderá muita gente. Jesus Christo nunca disse — Haja conventos, haja frades, haja freiras — assim como tambem nunca disse nem aconselhou muita coisa, que a Egreja tem adoptado.

A Egreja é a depositaria das verdades eternas. O Papa é o Vigario de Jesus Christo na terra. Este deu-lhe poderes de ligar e desligar. Deu-lhe poderes de approvar o que entendesse, que é justo e de utilidade para a religião e para a moral.

Ora, já se vê, que os conventos não se teriam fundado, se o Chefe visivel da Egreja catholica não tivesse approvado e protegido taes instituições.

Além d'isso, quando se tratava de fundar um convento de qualquer sexo e para qualquer fim, era mister, que de Roma viesse uma bulla auctorisando competentemente essa nova associação religiosa.

E o mesmo se fazia, quando se organisava uma nova ordem religiosa, ou se reformava alguma das já existentes; quando se estabelecia uma ordem filial d'outra; quando, por uma prudente medida, alguma ordem se extinguia ou o numero de mosteiros se reduzia; em fim, em tudo o que respeita a esta materia, nunca a Santa-Sé deixou de ser consultada.

E note-se, que o governo temporal tambem n'esta parte dava a sua auctorisação, e sem ella nada poderia effectuar-se.

*

Jesus Christo nunca falou em taes associações, mas aconselhou a todos os que devéras O amassem, que «tomas-

sem a sua cruz e O seguissem; que deixassem os paes, as familias, os parentes, os amigos, os bens do mundo, para só O amarem, para só se dedicarem a Elle ».

E, decerto, que nenhuns institutos são mais adequados para cumprir aquelles conselhos. Bem sabemos, que em todo o estado se pôde servir a Deus e alcançar o céo; mas este é um meio menos sujeito ás distracções do mundo e mais proprio para seguir á risca os conselhos do Divino Mestre.

E, se alguns conventos possuíam propriedades e até riquezas, bem se podia dizer, que qualquer d'esses conventos era rico, mas os frades eram pobres, porque nenhum era senhor de mais, do que da habitual refeição, igual para todos; do seu habito, fornecido pelo convento e do seu breviario, que lá deixava quando morria.

Nenhum podia testar. Nenhum podia dispôr de nada d'aquella casa. Nenhum podia obsequiar um parente ou um amigo, nem convidar um hospede sem auctorisação do prelado.

Este mesmo governava unicamente durante o tempo, para que fôra eleito e não podia dispôr de nada, nem dar consentimento para muitas coisas, sem auctorisação da communitade.

Em alguns conventos estava escripto, sobre a porta da cella ou da habitação do prelado, esta recommendação:

FRATER A SERVITUTE

Lembrava-lhe, que pela sujeição do voto, que fizera, não era mais que seus irmãos.

Os argumentadores enganam-se ou fingem enganar-se, quando dizem, que os Apostolos não aconselharam a existencia das ordens religiosas, porque, consultando a historia e estudando bem a organização de taes institutos, hão de vêr, que toda a sua doutrina é tirada das Actas dos Apostolos e que n'ellas se inspiraram os fundadores das mesmas ordens.

Muitas coisas ha, em que Jesus Christo não falou, mas que foram inspiradas na sua doutrina e no seu viver todo virtudes.

Jesus Christo não falou em hospitaes, em creches, em rodas para expostos, em asylos para a infancia e para a mendicidade, em cozinhas economicas, em muitos outros institutos, que a sociedade tem organizado, sempre louváveis e que a Igreja approva, aconselha e abençôa, e não poucas vezes organisa e promove.

E, se ha associações commerciaes, litterarias, recreativas, scientificas, artisticas e outras, não é fóra da razão, que tambem existam algumas com fins puramente religiosos.

Ora, no que Jesus Christo não fallou nem a Igreja aconselha, é na maneira como se exerce a caridade, por muitas partes e por diversas pessoas. Elle aconselhou esta formosa e sympathica virtude. E com este fundamento a sociedade e a Igreja, combinando-se mutuamente, têm organizado e sustentam muitos estabelecimentos pios, como aquelles, que já apontamos.

Mas Jesus Christo, e portanto a sua Igreja, nunca poderia aconselhar, que para se obterem os meios para exercer a caridade, se promovessem touradas, recitas theatraes, corridas de cavallos, jogos, bailes, bazares e outros divertimentos, que mais servem para promoverem a desmoralisação, o luxo e a miseria de muitas familias, e não poucas vezes incitarem á vaidade e ao orgulho, vicios completamente oppostos á virtude, que tem o sublime nome de — Caridade —.

Ora os que gostam, de que seja exercida a caridade só com esses apparatus, com exhibições de bandeiras, musicas, festas e ramalhetes, no que se gasta tanto ou mais do que se apura em taes beneficios, são justamente os philosophos, que mais ralham da existencia dos frades e que dizem querer o que só Jesus Christo aconselhava.

Os frades davam esmolas e protegiam as artes, sem ser mister fazer espalhafatos, seguindo assim aquella maxima tão christã: «A mão esquerda não deve saber o que faz a direita».

Jesus Christo tambem não aconselhou certas ceremonias, muitas solemnidades religiosas, muitas devoções, rezas e outros exercicios de piedade. Mas a Igreja as tem permitido e aconselhado, segundo entende e com as applicações e maneiras, que ás occasiões e aos fins melhor convenham.

E, se esses philosophos têm um tão religioso escrupulo, que só desejam seguir e abraçar as doutrinas do Redemptor e os seus exemplos, por certo que deveriam andar descalços e vestidos com uma simples tunica, comerem o mais frugalmente possivel; não commetterem infidelidades conjugaes nem terem a menor fragilidade, serem humildes em tudo, perdoarem todas as injurias, amarem o proximo como a si proprios, e praticarem outras obras, si-

milhantes e proprias de quem aspira á perfeição divina, pois que Jesus disse: «Sede perfeitos, como o Paé celestial».

(Continúa).

UM CATHOLICO.

A educação

Ensinar!... Ha, porventura, missão mais nobre sobre a terra?... Não.

O Salvador do Mundo ensinou, mandou aos seus discipulos que ensinassem todos os povos, prégando o Evangelho a toda a creatura e, como as creanças devem ser o objecto de todos os cuidados e solitudine d'um bom educador, o Divino Mestre mostrou o modo, como devem ser tratadas, aconchegando-as ao seu seio e afagando-as carinhosamente: *Sinite parvulos venire ad me. Deixae, que as creancinhas venham a mim.*

A mulher, porém, é que foi commettida a alta missão de primeira mestra da juventude; á mãe é que foi confiada a grande obra de preparar a alma e o coração de seu filho, para poder entrar nos vastissimos campos da sciencia e da moral. Esta verdade, que é palpavel, é, comtudo, impuguada por alguns.

Ainda ha pouco escrevia um homem, que passa por illustrado, n'um almanach-folhinha, o seguinte: *A mãe não deve, para bom educar seus filhos, infundir no animo e coração a religião christã. Só a lei da natureza e o amor maternal deve ser a verdadeira doutrina, que pôde fazer a felicidade da familia.* (!!!)

Eis o que ensinam os illustrados d' moderna, que, como este, pertencem á seita negra e terrivel, a cujos ensinamentos se deve o estado de degradação a que chegou este paiz, que elles procuram levar ao abysmo de completa ruina. Ninguem pôde negar, que o temor de Deus é o principio da sabedoria — *initium sapientia timor Domini*. Ora se a mãe de familia não fôr educada sob este principio, como poderá ella implantar no animo e coração de seus filhos sentimentos de honra, desejos de seguir a linha recta do dever? Ide, ide propagando os vossos deleterios ensinamentos, que não virá longe o tempo, em que tenhaes de colher os seus fructos!... Mas então sereis obrigados a reconhecer, que só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana poderá salvar a sociedade do abysmo, em que a vossa cegueira ou má fé a precipitou; então comprehendereis, que só a doutrina de Nosso Senhor Jesus Christo pôde dar a ordem ao mundo e a felicidade aos povos, destruindo esse falso amor, a que chamaes *philantropia*, e implantando o reinado do verdadeiro amor, que se chama a Caridade. Mas... para que esperar pelo futuro?... Léde a historia e olhai para o

presente. A historia dir-vos-ha, que nos tempos, que vós denominaes de obscurantismo, havia menos civilisação (á moderna), mas em compensação havia mais moralidade e temor de Deus.

O presente mostra-nos a depravação dos costumes: todos os dias nos dá a noticia de infanticidios, suicidios, homicidios, barbaros attentados contra os que representam a auctoridade, crimes monstruosos, que horrorisam! E porque? Porque a *ideia nova*, que nasceu no seculo XVI, se ostentou feroz nos fins do seculo XVIII, e que hoje campeia infrene por toda a parte, tem prostituido tudo e todos.

Será possível chamar todos os homens d'hoje ao bom caminho? É possível, mas não é facil.

O que é facil, o que se impõe a todos como um dever, é formar os homens d'amanhã; é educar a juventude nos salutaes principios do catholicismo.

Professores primarios, diffundi no animo e coração das creancinhas, que vos são confiadas, a doutrina do Salvador do mundo, porque sem ella não ha ensinamento que bem fructifique. Como poderá amanhã haver bons cidadãos, se vós não os educades nos salutaes principios, que ha dezenove seculos prégou o Divino Mestre?

Guerra á guerra! seja o vosso lemma; e a *guerra á guerra* mais licita será a que fór feita pelo modo, como já tenho indicado na imprensa: formar o coração e o espirito da creança para o bem e para o justo.

Se hoje, porque fui jubilado a 19 de fevereiro ultimo, não pertenço á milicia activa dos educadores da juventude, resta-me ao menos a consolação de me ter desvelado, quanto pude, para que as ovelhas, que me foram confiadas, permanecendo firmes nos principios orthodoxos, que lhes ensinei, possam não só alcançar a felicidade n'esta vida, mas tambem e principalmente a felicidade eterna — fim ultimo para que Deus criou o homem.

Formai o coração e o espirito da creança para o bem e para o justo, e os falsos apostolos deixarão de existir, a Igreja triumphará, voltando ao seu antigo esplendor, Jesus Christo reinará em todos os corações, a filha será submissa, a esposa honesta, a mãe cuidadosa e dedicada pela educação de seus filhos, os homens unir-se-ão pelos laços da caridade christã, e assim vós bem merecereis da religião e da sociedade, porque dareis gloria a Deus no céo, e na terra paz aos homens.

Paro — Julho, 24.

O ex-sub-inspector primario e professor jubilado,

JOSÉ MARIA GUERREIRO.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria dos homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado do n.º antecedente)

101.º

CCXVII

P. Theodoro Lombard

Pelo mesmo tempo vivia em França, e por algum tempo em Roma, um outro jesuita de grande reputação, que não podemos omitir n'esta *Galeria*: é o P. Theodoro Lombard, natural de França, onde nasceu no ultimo anno do seculo XVII, fallecendo em 1770. Ensinou rhetorica em Tolosa.

Dedicou-se especialmente á poesia, e as obras que publicou n'este ramo da litteratura revelam o seu genio e aptidão. Mas tambem escreveu algumas biographias, obras contra a impiedade, e em defeza da Companhia de Jesus, perseguida na sua patria.

Não era preciso mais nada para elle ser perseguido e calumniado, sobretudo sendo estimado em Roma dos Papas Bento XIV e Clemente XIII. Teve effectivamente essa gloria.

(Continúa).

PADRE JOÃO VIEIRA N. CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO LITTERARIA

II

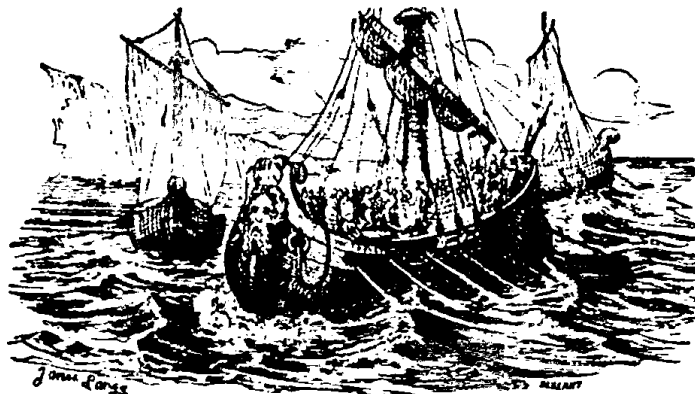
O pensamento, a palavra e a imprensa

(Continuado do n.º 13)

O pensamento fermentára na alma grande do homem a fecundidade para a elaboração de coisas as mais alevantadas, que ha intentado para os seios profundissimos da terra, como para as cumiadas microscopicas do firmamento. . . O pensamento traçara na mente o plano do gigantesco das maravilhas de Babilonia, levára a romper o espaço as soberbas columnas do Egypto, assentára em alicerces inabalaveis as herculeas muralhas da China. . . O pensamento gerou epopeias de gloria immorredoura, que fizera incendiar peitos no heroismo de atletas, volumisára livros de sciencia de que ha recheado numerosas bibliothecas; fizera encarnar o estro da poesia n'um Horacio, n'um Virgilio, n'um Dante, n'um Camões; personificára o

talento na sciencia de Archimedes, de Kepler, de Newton, de Pedro Nunes; esculpturára em fôrmas gigantescas o genio da eloquencia n'um Demosthenes, n'um Cicero, n'um Antonio Vieira, n'um Chateaubriand, n'um Kurtz; pessoalisára a inspiração da arte n'um Miguel Angelo, n'um Raphael, n'um Rossini, n'um Ribot, n'um Müller, Meyer-Beer. . . E que fez mais? Fizera irradiar, n'uma aurora de amor e vida, a luz ardente da civilisação, para a qual elaborára os planos grandiosos da sciencia, fizera abraçar os povos logo desde o berço n'uma confraternidade de irmãos no mesmo estimulo e aspirações; erguera thronos, derribára ergastulos, desprendera independencias, despedaçara ferrolhos, levantára templos e sublimára a cruz, convertida de supplicio de infamia em tropheu de glorias; fizera tudo, em summa, o que as gerações foram, o que ellas são, e fará tudo o que forem ainda. É a palavra, a expressão viva do pensamento, que explue depois do seu apparecimento, e que o significa e faz sentir com o timbre variado do seu tom orchestral, que o corporisa com as fôrmas torneadas de que o reveste, e com o que faz amar-se e querer-se, esta tambem tivera a força herculea de remover desde as bases as sociedades d'além da civilisação e da historia, e fazel-as um todo harmonico, amalgamal-as nos seus elementos de selecção, leval-as a ter uma só alma e um só coração, uma só couraça e um só peito, uma só fé e uma só liberdade, um só sceptro e uma só corôa, um só templo e uma só cruz: fazel-as ter uma civilisação e uma historia.

A palavra, que por vezes irrompe como d'um vulcão animado, em lavas de flamejante vida, evolvendo-se pelos espaços da humanidade, deixando por elles alfombrada a luz, espadanando pelos seus ambitos o pollen civilizador e escorraçando-lhes as titanicas sombras, esta podera ser, sim, a alavanca pujantissima da independencia da progressão do mundo illustrado e a illustrar-se, desde o recondito berço das gerações, em plainos disputados ainda, até Jerusalem, desde Jerusalem até Alexandria, de Alexandria até Athenas, desde Athenas até Roma, desde Roma até Constantinoply, onde se inflorára de gloria e triumpho o gigante civilizador — o Christianismo; e d'alli seguindo pela estrada tapetizada de rosas incandescentes que deixára traçada no seu precurso até aos nucleos da civilisação hodierna, que flammejam hoje na Europa e na America. A palavra omnipotente, que fez erguer-se pomposamente todo este orbe indefinivel, que fez falar surpreendentemente a argilla, convertida n'um homem, que fez que a terra germinasse espontanea a variabilissima especiaria de coisas d'uma nomenclatura



POR MARES NUNCA D'ANTES NAVEGADOS

tura que encheu livros e livros, esta também fôra no trovejar do seu tom vehemente, o afugentamento da barbaria e da oppressão; no faiscar deslumbrante do seu fogo, o escorraçamento da treva e da ignorancia; no desflar da sua corrente magnetica, o tombamento dos castellos ferrenhos da escravidão e da ignominia; na helice por onde correm os filamentos da sua inspiração, o arrebatemento do coração, que rasteje nas depressões da inercia, ás pyramidaes altitudes da pujança e do valor; na aerostatação da sua subtilidade, o desprendimento do espirito das profundezas da terra, em que se abate, para as sublimidades do infinito, em que se eternisa.

(Continúa).

PADRE ABEL FREITAS.

Paixão dos interesses materiaes considerada como obstaculo ao desenvolvimento da Fé.¹

Meus senhores. — Mais um dia esplendente e bello, repleto de graças e bençãos, surgiu para a vasta e importante diocese de Coimbra. Esse dia, que tanto nos alegra, enthusiasma e enleva, commemora um factio notavel, importante e providencial — a sagração episcopal de S. Exc.^{ma} Rev.^{ma} o snr. D. Manoel Correia de Bastos Pina. A sagração de tão venerando antistite foi para a Igreja comimbricense o que é o sol para a campina, a primavera para as aves, o rócio para as

flôres, a bonança para o oceano, o brilho para a estrella, o azul para o firmamento. É, pois, com a maxima razão que no dia d'hoje, dia tão alegre e festivo, os alumnos do Seminario de Coimbra procuram tributar um sincero preito de homenagem e submissão áquelle que é seu desvelado amigo, nobre protector, pae amantissimo e bondoso prelado.

Nos seus adustos corações de jovens acha-se indelevelmente impresso um sentimento elevado como o puro amor, suave como as brisas oceanicas e odorifero como o perfume das violetas; esse sentimento, que tanto exalça e nobilita o homem, é — a gratidão.

É sob o imperio da gratidão que a Academia do Seminario de Coimbra realison hoje uns festejos bastante modestos, é certo, mas nimiamente significativos, e agora os remata com um sarau litterario-musical.

Attendendo á exiguidade dos meus recursos intellectuaes, não deveria, talvez, inscrever-me no numero dos oradores; mas o vulto nobre e sympathico, em cuja honra se realisa este sarau, já de ha muito se impoz á minha gratidão, respeito e consideração, pela magnanimidade do seu character, affabilidade do seu trato e gentileza da sua protecção: por isso mesmo não devia, não podia, subtrahir-me a tomar parte n'esta festa, que é toda de dedicação e reconhecimento.

Mas... sobre que dissertar? O campo, que em taes conjuncturas, se nos offerece, é vasto e repleto d'assumplos momentosos e palpitantes; eu, porém, antes de entrar no dominio das sciencias fixei por um pouco a intensa luz, irradiada do fulgurante episcopado do snr. Bispo Conde, e reconheci que no seu precioso diadema de virtudes engastava o florão mais bello e rutilante — a Caridade, pela qual converte o marejar das lagrimas na jovialidade dos sorrisos,

transforma os abrolhos da desgraça nas rosas da felicidade e dissipa o abysmo do desespero pela aurora da esperanza e consolo.

Ao mesmo tempo circumvaguei o olhar pela sociedade hodierna, e na maioria dos seus membros vi a total e completa antithese do formoso e immaculado character do snr. Bispo Conde: reconheci que o amor dos interesses materiaes era o apagnagio quasi exclusivo da sociedade contemporanea, paralysando e suffocando todos os sentimentos religiosos e caritativos; e d'ahi se me suscitou a ideia de desserir ácerca da paixão dos interesses materiaes considerada como obice aos esplendores da Fé.

E agora que já conheceis o assumpto de que me proponho tratar, procurarei entrar já no amago da questão.

I

Senhores: É indubitavel que o nosso seculo é caracterisado pelo arrojo das suas concepções e pelo prodigio dos seus trabalhos; com as suas gigantescas emprezas parece querer expungir da face do globo, como inutil, a palavra *impossivel*.

A imprensa, communicando e difundindo ideias, galga obstaculos e ultrapassa idades; a locomotiva, devorando e apagando distancias, accelera o commercio e promove a sociabilidade; o telegrapho, recebendo e transmittindo cogitações, opéra a aproximação dos espiritos e a rapidez das noticias; e até já se pensa em estabelecer vias aerias, cujo vehiculo ha muito se descobriu e poz em movimento, faltando unicamente imprimir-lhe direcção. De todos os angulos do orbe resoam, portanto, a cada momento, importantes novas de poderosos inventos e notaveis phases do Progresso.

Mas, no meio de tantos trabalhos,

¹ Este discurso foi proferido pelo seu auctor, n'um sarau litterario-musical celebrado no dia 19 de maio de 1894, no Seminario Episcopal de Coimbra, em commemoração do 22.º anniversario da sagração episcopal de S. Exc.^{ma} Rev.^{ma} o snr. Bispo Conde.



INNOCENCIA E FIDELIDADE

tantos avanços e melhoramentos, quasi se olvida, triste é dizel-o, o Operario Supremo, o Artista Incomparavel, o Auctor Primario de todo o progresso — Deus.

(Continúa).

J. A. MARQUES JUNIOR.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Influencia dos Papas e dos Arcebispos de Braga sobre a instrucção em Portugal. Discurso proferido em Braga na Academia litteraria, realisada em 16 de maio de 1893 no Seminario de Santo Antonio e S. Luiz' Gonzaga pelo seu auctor, Oliveira Guimarães, abbade de Tagilde.

Os leitores já têm conhecimento d'este magnifico discurso, pois o seu auctor dignou-se honrar as columnas d'*O Progresso Catholico* com a sua publicação. Editou-o s. exc.^a em folheto e sabem porquê? Porque o reverendo Joaquim Fernandes Lopes, benemerito fundador e desvelado director do Seminario de Santo Antonio e S. Luiz, desejava ardentemente publicar o bello discurso do snr. ab-

bade de Tagilde, para distribuir por alguns bemfeitores do seu Seminario; mas faltavam-lhe os meios para realizar o seu desideratum; então o reverendo abbade de Tagilde editou á sua custa o discurso, que pronunciou na academia de 16 de maio de 1893, para que não ficassem frustrados os desejos do reverendo padre Joaquim Fernandes Lopes.

Registando mais esta acção generosa do digoo sacerdote, cuja bondade pôde medir-se pela sua illustração, agradecemos muito reconhecido o exemplar, que se dignou offerecer-nos.

*

As officinas de S. José de Lisboa, pelo presbytero Antonio Gomes Pereira, sub-director das mesmas officinas, com uma carta do exc.^{mo} snr. Ferreira Deusdado.

Contem além da carta do snr. Deusdado um bello artigo, que o seu auctor publicou na *Revista de Educação e Ensino*, sobre as *Officinas de S. José*, uma noticia circunstanciada acerca das Officinas de S. José do Porto, Braga e Lisboa, diversos artigos da imprensa periodica, uns apologeticos d'estas magnificas insti-

tuções, outros descriptivos das suas festas tão sympathicas. O producto d'este opusculo é destinado pelo auctor á sustentação de mais um pobre orphão, que está esperando ha mezes para ser admitido nas officinas. Custa apenas 200 reis.

*

Anno Christão. — Distribuiu-se o 8.^o fasciculo d'esta magnifica obra, da qual o snr. Dourado está fazendo uma segunda distribuição. Esta obra, já bem conhecida, é digna de toda a recommendação. Pôde ainda ser obtida pelo preço da primitiva assignatura, dirigindo os pedidos ao snr. Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 165 — Porto.

*

Recebemos o numero 272 da Guirnalda y La Bordadora, que, como temos dicto, é uma das melhores publicações no genero.

Assigna-se em Barcellona, calle Archs, 8, pral, em cuja administração se distribuem amostras e prospectos gratis.

Agradecemos os exemplares que nos foram offerecidos.

SECCÃO NECROLOGICA



Victima d'uma congestão pulmonar falleceu no dia 13 de julho, em Paredes, o nosso saudoso amigo dr. Caetano Mendes Ribeiro. Dotado de bons sentimentos religiosos, o dr. Caetano Mendes Ribeiro confessava-se e commungava a miúdo, estando sempre prompto a fazer bem. Foi ministro e pae da Ordem Terceira de S. Francisco, d'esta cidade, á qual prestou relevantes serviços. Era sobrinho do nosso bondoso assignante, snr. commendador Manoel José Teixeira, e tio do reverendo padre Pedro da Rocha, os quaes saberão conformar-se com os decretos do Altissimo.

Tambem falleceu em Estremoz, no dia 28 de junho, a exc.^{ma} snr.^a D. Maria das Dores Pestana Leal, senhora muito piedosa, irmã da exc.^{ma} snr.^a D. Anna Pestana Leal, assignante d'*O Progresso Catholico*.

Aos nossos leitores pedimos as suas orações pelo descanso eterno dos fallecidos.

REQUIESCANT IN PACE.

SECCÃO ILLUSTRADA

Um Frade Franciscano

(Vid. pag. 169)

Virtude e sciencia! eis o seu fim; oração e estudo, são os meios, que empregam para o conseguir.

Tem-se calumniado muito as ordens religiosas, tem-se escripto muito para as desprestigiar; contudo a historia é inexoravel, os factos são esmagadores. A historia aponta-nos para os vastissimos campos da sciencia, das letras e das artes, e nós ahi vemos o frade sobressahindo, destacando-se entre todos os homens do seu tempo.

Hoje, se nos aproximamos d'elle, sentimo-nos presos pela sua affabilidade, enleados pela sua modestia, abysmados pela sua sciencia, arrebatados pelas suas virtudes.

E, portuguezes, não podemos deixar de sentir a vergonha d'uma pagina negra da nossa historia, onde está exarado o decreto iniquo, que os expulsou!...

Por mares nunca d'antes navegados

(Vid. pag. 176)

Representa a nossa gravura um dos meios de que Portugal se serviu para dilatar o seu imperio, descobrindo mundos desconhecidos para levar ahi a luz do Evangelho e implantar a Cruz da Redempção nas inhospitas paragens da Africa, Asia e America. Como eram brilhantes os esplendores d'esses tempos, em que a fé impellia os filhos d'esta nação de heroes a descobrir novos mundos

Por mares nunca d'antes navegados.

Innocencia e fidelidade

(Vid. pag. 177)

A mais bella e mais feliz quadra da vida! Livres de cuidados, as creanças só buscam brinquedos! Tudo lhes é propicio — os carinhos maternas e os beijos d'um pae amante. As mesmas flôres parecem sorrir-lhes, e o *Fiel*, tão arrogante para os estranhos, é manso para a creança, a cujos pés se prostra.

RETROSPECTO

A festa de S. Luiz de Gonzaga, em Guimarães

«Que hei de, por força, dizer as impressões, que ella me deixou», insiste d'alli o amigo padre Roriz, exorando-me a que as traslade do meu coração para o papel, afim de que appareçam no Retrospecto do *Progresso Catholico*. Ora eu, que tive mais tempo para as sentir, do que vagar e geito tenho agora para as traduzir em prosa aproveitavel, vejo-me embaraçado para lhe fazer a vontade.

Mas, não ha remedio... Dir-lhes-hei, pois, sem mais preambulos, que a festa do angelico patrono da juventude é a solemnidade de mais longo alcance, que aqui se faz.

Prova-se. É uma festa de creanças. Isto bastava para a relevar sobre as outras.

Formar bem o coração da creança, incutindo-lhe no espirito a comprehensão dos seus deveres religiosos e moraes, é, certamente, uma obra muito meritoria, pois tende nada menos que a lançar os alicerces solidos e bem fundados, sobre que ha de basear-se a familia, que, por seu turno, é tambem o fundamento basilar da sociedade.

A festa de S. Luiz visa a este desideratum altamente civilizador e sympathico, completando a obra admiravel das catechéses, que ahi se realisa regular-

mente e com tanto fructo todos os domingos do anno; offerere ás creanças, n'um tocante conjunto de ceremonias religiosas, occasião de admirarem as sublimes manifestações do cullo catholico, tão poetico, tão impressionador, tão ajustado ás aspirações do nosso coração, e de se tornarem melhores, imitando os grandes exemplos e praticando as grandes virtudes que, por occasião d'esta festa, lhes são postas diante dos olhos.

E — note-se ainda — são impressões, que ficam, que perduram no animo das creanças, que não de acompanhal-as sempre, que poderão ser, durante a vida, esquecidas por momentos, mas que não de reviver, apparecendo-lhes, como saudosa reminiscencia d'um tempo, em que eram felizes, porque eram innocentes, para norteal-as e dirigir seus passos vacillantes á borda do abysmo, em que iam, talvez, a precipitar-se — pobres victimas d'alguma paixão tresloucada.

Ditosas creanças as que têm quem lance em seus corações infantis a semente fecunda de tantos bens!

Bemaventurada missão a dos que se dedicam a cultivar nos corações infantis, como em jardim cuidadosamente tratado, as plantas mimosas das virtudes christãs.

Constou a nossa festa — deixem-me chamar-lhe assim, porque n'aquelle dia todos queriamos ser creanças — d'uma novena preparatoria, orando nos ultimos tres dias o reverendo director da congregação de S. Luiz, padre Bento José Rodrigues, S. J., que soube accomodar-se n'uma linguagem simples e repassada de uncção religiosa, ao seu juvenil auditorio, que o escutou sempre com mostras da mais admiravel compostura e da mais respeitosa attenção, sendo bem para louvar o modo como aquellas cabeçitas, cá fóra buliçosas, irrequietas, sempre a agitar-se n'uma volubilidade despreocupada, encantadora, alli estavam presas ao verbo fluente do prégador, suspensas, por assim dizer, dos seus labios, fazendo lembrar a docilidade dos meninos da Judéa, que tantas consolações davam ao amantissimo coração do divino Mestre.

No domingo, pelas sete horas da manhã, o reverendo secretario da congregação celebrou uma missa rezada, durante a qual foi distribuido o divino manjar eucharistico á numerosa phalange das creanças préviamente preparadas, algumas das quaes o recebiam pela primeira vez, sendo verdadeiramente edificantes e consoladoras a compostura, a recatada modestia, que se divisavam em muitos d'aquelles rostos rosados e mimosos.

Durante a commovente cerimonia, que tanto bem fez ao meu coração, um côro de meninos, habilmente ensaiados pelo

exc.^{mo} sr. Domingos José Ribeiro Callixto, executou, com acompanhamento de órgão, alguns canticos religiosos, allusivos ao acto.

Era um gosto ouvir aquellas vozes infantis, d'um timbre argentino, melodioso, que calava na alma, que enlevava o espirito, arrebatando-o ás regiões eternas do Bem, onde resôam as continuas hosannas das jerarquias celestes!

Isto, sim, isto consola, edifica e moralisa, muito ao contrario do que succede com certos *córos*, *orfeões*, ou coisa que o valha, tanto em moda em nossos dias, e em que as pobres creanças — victimas innocentes de festeiros sem piedade e sem tino — são forçadas á execução de canticos mais ou menos indecentes, mais ou menos repugnantes, como o das *Carvoeiros*, *Padro cura*, etc., etc. (Vide o programma de certas festas, ha pouco realisadas n'uma cidade da provincia, aliás tão piedosa e crente).

O exc.^{mo} sr. Callixto — folgo de poder dar este testemunho, em que vai tambem um agradecimento — é digno dos mais calorosos elogios pela maneira desinteressada, como se prestou a abrilhantar a festa de S. Luiz, fazendo gratuitamente todo o serviço musical, em que os seus discipulos, alumnos da aula de musica da Sociedade Martins Sarmiento, coadjuvados por um grupo de alumnos internos do Pequeno Seminario de Nossa Senhora da Oliveira em gozo de ferias, se apresentaram d'um modo verdadeiramente correcto e á altura dos seus creditos de ensaiador distincto.

A missa, d'uma simplicidade encantadora, é, realmente, uma composição cheia de mimo e perfeitamente adequada a uma festa de creanças.

*

Depois da missa cantada, em que foi celebrante o reverendo prior da freguezia de S. Paio, Joaquim Antonio de Freitas, acolytado pelo reverendo Gaspar Roriz e Francisco Lageira, sendo mestre de ceremonias o reverendo presidente da congregação, Damião d'Araujo, teve logar a admissão dos novos congregantes na fórma prescripta pelo Manual das congregações mariannas.

É um espectáculo, que, por mais que se veja, nunca se presenciará sem experimentar uma commoção viva e geradora dos mais suaves affectos em nossas almas.

Demais, não sendo a admissão concedida senão aos candidatos, que, durante um anno, se tornarem distinctos por sua assiduidade na assistencia á catechése e por seu bom comportamento, representa este acto um factor importante de moralisação, e, portanto, de progresso real e verdadeiro, pelos salutareos estímulos, que faz nascer entre as creanças

e que, por força, hão de fructificar em abundante somma de boas obras e de altíssimos exemplos.

Passou-se depois á tocante cerimonia da entrega dos diplomas e das medalhas aos novos congregantes, sendo a distribuição feita pelo reverendo director, que antes lhes tinha dirigido uma breve e substanciosa pratica e que, em seguida, lançou a benção, terminando assim aquelle acto e, com elle, a festa da manhã, que a todos deixou as mais gratas impressões e a muitos o pezar de não voltarem a ser creanças, para poderem partilhar aquellas dôces alegrias e aquelles santos enthusiasmos.

Bem dita seja a religião, que tanto bem faz ás almas!

*

Eram 4 horas da tarde. Regorgitava de fleis o vasto templo de S. Domingos. Não eram já só as creanças: eram paes e mães, que alli as tinham e que n'ellas se reviam contentes; eram irmãos e parentes, que queriam tomar parte nas suas alegrias; eram, em summa, pessoas de todas as classes e condições arastadas alli pelos encantos d'aquella festa, que a todos commove e consola.

Cantadas no côro algumas estrophes do hymno de S. Luiz, a que respondiam as 500 ou 600 creanças alli reunidas, o que era d'um effeito admiravel, subiu ao pulpito o reverendo secretario da congregação, que discursou durante quasi uma hora, fazendo com encarecimento o elogio das grandes virtudes de S. Luiz de Gonzaga, a cuja imitação incitou os meninos e meninas presentes, terminando por uma prece dirigida ao amantissimo Coração de Jesus, á Virgem Immaculada e a S. Luiz, para que as tomassem debaixo da sua especial protecção.

Depois d'um formoso *Genitori*, executado sob a habil direcção do exc.^{mo} sr. Callixto, que estava ao órgão, deuse a benção do S. S., organisando-se, em seguida, a procissão, que foi d'um effeito surprehendente. Aquellas longas filas de creanças das differentes escolas e collegios da cidade, com suas formosissimas bandeiras, as opas com murças azues e vermelhas, que levavam os meninos, os laços azues e brancos com medalhas pendentes, que todos ostentavam ao peito, um numeroso côro de meninas vestidas de branco com suas palmas na mão, numerosos anjinhos ricamente adornados e conduzindo emblemas allusivos ás virtudes heroicas de S. Luiz de Gonzaga, a imagem do angelico protector da mocidade collocada sobre um elegante andor conduzido por quatro dirigentes da congregação e como que levada em triumpho, a reliquia sagrada do santo lenho sob o pallio, a cujas varas pegavam alguns regentes e seminaristas, os harmoniosos accordes

da musica, que sechava o prestito, indo entre ella e o pallio o exc.^{mo} sr. commendador Manoel José Teixeira, prestimoso protector da congregação, o exc.^{mo} sr. José Joaquim da Silva Guimarães, instructor dos candidatos e o grupo das senhoras regentes, todas com suas fitas e medalhas, a satisfação e o enthusiasmo que se divisavam em todos os rostos, e a amenidade d'aquella tarde, que, de brusca e ameaçadora de chuvas, se volvera, como de proposito, serena e cheia de encantos, formava um conjuncto tão rico de bellezas, tão fóra da descaroada realidade da vida ordinaria, tão alheio aos baixos egoismos sociaes, tão cheio de consoladoras esperanças n'um futuro melhor, que a alma sentia-se bem ahi, no meio d'aquellas centenas de creanças — futuro exercito de combatentes em prol do bem — experimentando um bem-estar indefinivel, a que se não está acostumado, que raro se goza, tão longe está de o poder produzir o meio, em que, geralmente, se vive.

Que o dulcissimo Jesus, que tanto amou as creanças, que a Virgem Immaculada, de quem são filhos e congregantes, que S. Luiz, seu especial protector, velem pela congregação, fazendo vir sobre ella os beneficios do céu, para que todos os que agora pertencem, de espirito ou de facto, á *Milicia dos anjos da terra*, possam encontrar-se um dia reunidos no gozo eterno dos anjos do céu!

Que Deus proteja d'um modo especial as pobres creanças, fazendo que nunca deixem o caminho, que com tanto empenho e zelo lhes tem sido ensinado pelos snrs. e sr.^{ma} regentes, que trabalham sob a direcção do infatigavel apostolo, reverendo Bento Rodrigues.

Sejam tambem nomeados e recebam os nossos agradecimentos — creio que não serei indiscreto dando-os em nome da congregação — os reverendos snrs. padre Francisco Antonio Peixoto de Lima, padre Antonio Augusto Monteiro e padre Antonio Mendes Leite, estes acolytos e aquelle mestre de ceremonias durante a procissão, os quaes gratuitamente e da melhor vontade se prestaram a coadjuvar-nos.

Menção especial merece o reverendo prior de S. Paio, digno parochio da freguezia, em quem a congregação tem sempre encontrado as mais benevolas disposições a seu respeito, devendo-lhe tambem a fineza de importantes serviços gratuitos, bem como ao reverendo capellão do Rosario sr. padre Francisco Lageira.

Do amigo padre Roriz não fallo, porque estou a vér que andava com vistas interesseiras na coadjuvação valiosa, que nos prestou. Queria as minhas impressões da festa, como se elle não fora capaz de as sentir tão vivas e tão emocionantes como eu. Pois ahi as tem. Es-

tou vingado, porque, traduzindo-as bem ou mal, mas sempre a meu modo, nos linguados, que lhe mando, consegui ronbar-lhe um grande espaço e, talvez, dar-lhe por isso mesmo, as mais desagradáveis impressões. Ou não?

PADRE J. A. R. JUNIOR.

Não, mil vezes não, porque as impressões que recebemos ao contemplar aquella festa de creanças, tão sympathica, tão commovente, tão cheia de attractivos, reproduzem-se agora, lendo a descripção exacta e primorosa do padre João Ribeiro. Procuramolo, porque queriamos, que os nossos leitores podessem vêr de longe a festa de S. Luiz Gonzaga, em Guimarães. O nosso desideratum realisou-se, nem podia deixar de ser assim, visto que o pintor é de primeira ordem.

Fique s. rev.^{mas} certo de que o *Progresso Catholico* de bom grado lhe cede todas as suas paginas, porque conhece os seus merecimentos e sabe que os seus escriptos são muito uteis e agradáveis aos seus leitores. Não gosta da pena de Talião? Tenha paciencia — *suum cuique*...

Os reverendissimos conegos da lusigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, e alguns amigos do exc.^{mo} snr. Francisco Ribeiro Martins da Costa, mandaram celebrar um solemne *Te-Deum*, no domingo, 22 de julho, em acção de graças pelo restabelecimento d'este benemerito vimaranense, que ha tempos esteve gravemente enfermo.

Deus conserve a vida de s. exc.^a, pois tem prestado relevantes serviços a esta terra, d'entre os quaes se destacam a reorganisação da Collegiada e valiosos donativos para as obras do pequeno seminario.

Projecta-se uma grande peregrinação a Nossa Senhora de Lourdes, na Penha, no dia 8 do proximo setembro. Sabemos

que já está nomeada uma grande commissão, para que esta manifestação de amor e homenagem a Maria Santissima seja digna dos sentimentos religiosos, que existem n'este bom povo de Guimarães. Ainda conservamos gratissimas recordações da peregrinação do anno que passou. Foi pouco numerosa, mas compunha-se de fleis, que abrasados no amor a Maria Santissima subiram a ingreme montanha da Penha quasi sem fadiga, tal era o seu enthusiasmo.

Essa piedosa romagem à Penha no dia em que a Igreja commemorava o nascimento da Corredemptora da humanidade, quando Guimarães ia descerrar a estatua do immortal Pontifice da Immaculada, foi o principio de uma manifestação publica da nossa fé, que ha de progredir, porque todos reconhecem a sinceridade dos que n'ella tomaram parte, e o quanto é justo, que filhos agradecidos vão, entoando canticos e recitando orações, visitar a Mãe de Deus, que é tambem a Mãe dos homens.

Mas... chamam-nos *retrogrados, jesuitas*... Que importa?

Chamem-nos todos os nomes feios, que se contem nos seus dictionarios; riam-se de nós, se quizerem, mas o que não poderão é arrancar-nos a fé, que nos guia e o amor a Maria Santissima, que nos enthusiasma!... Riam-se de nós, que nem por isso deixaremos de pedir a sua conversão Aquella, que é o *Refugio dos Peccadores*...

Riam-se, mas fiquem sabendo, se o não sabem ainda, que das fileiras catholicas não sabem os Vaillant, os Henry, os Caserio — productos do atheismo, não.

Os catholicos, que o são de nome e de facto, têm por divisa — *honra, virtude e religião* — como escrevia ha dias na *Palavra*, o snr. Falcão de Lima, acerca do reverendissimo snr. dr. José Rodrigues Cosgaya, que, deixando com saudade o Collegio da Formiga, que elle creou e elevou à altura de um dos pri-

meiros estabelecimentos de instrucção do paiz, o entregou aos benemeritos padres do Espirito Santo, para serem ali educados os jovens, que se destinam às missões ultramarinas. É este o *egoismo* catholico, que contrasta perfeitamente com o egoismo atheu.

Tivemos a honra da visita dos nossos bondosos assignantes e exemplares sacerdotes, reverendissimos snrs. abbade de Santo Thyrso, padre José Joaquim da Silva Bacellar, de Cervães, padre João Manoel Trocado, da Povoia de Varzim, e padre Antonio José de Carvalho, parcho de Gondiaes, Cabeceiras de Basto. Agradecemos, muito reconhecido.

R.

SECÇÃO ADMINISTRATIVA

Por motivos de força maior, não pôde ser distribuido o jornal no dia 1 do corrente, do que pedimos desculpa aos nossos bondosos assignantes.

S. N.

ANNUNCIOS

VIDA DO VENERAVEL

P.^e FRANCISCO MARIA LIBERMANN
FUNDADOR

Congregação do Espirito Santo
e do Immaculado Coração de Maria

Preço, 500 reis

À venda na administração do Progresso Catholico.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis — Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União geral dos correios, 1\$000 reis — Estados da India, China e America, 1\$280 reis (moeda portugueza)
Numero avulso 100 reis. — Edição de papel de luxo, mais 200 reis

As assignaturas são pagas adiantadamente, por um anno

REDACTOR

Padre Gaspar da Costa Roriz, Commissario da Ordem Terceira de S. Francisco

ADMINISTRADOR

Simão Neves

Redacção e administração — Rua Nova de Santo Antonio n.º 55 a 59 — GUIMARÃES